

Comentário Mensal

Abr/2026

Joule Apadma FIM

Abril fechou como uma das recuperações mais rápidas já registradas em mercados acionários. Os números do mês são realmente muito expressivos: o S&P 500 subiu **10,1% no mês**, o quarto melhor mês do índice no século, e a reversão dos 10% perdidos no auge do choque do Oriente Médio levou apenas **11 dias**, contra 56 dias no choque tarifário de 2024 e mais de um ano nas correções de 2022. Foram US\$ 8,1 trilhões em valor de mercado adicionados em vinte e três pregões. Se julgarmos pela métrica do índice, abril foi triunfante. Se nossa métrica for o mercado, abril foi mais ambíguo do que parece.

O índice voltou. O mercado, não.

A primeira distinção importante é entre **nível e dispersão**. O S&P retornou, mas o caminho de volta foi extremamente seletivo. Cestas de empresas ligadas a memória subiram **41% em abril**; cestas de “tech momentum”, **40%**. No outro extremo, ações classificadas como perdedoras do ciclo de inteligência artificial e software disruption acumulam queda de **20% a 30% no ano**. Dentro do mesmo índice convivem múltiplos mercados, e a precificação está cada vez menos sincronizada.

Esse padrão tem raiz econômica concreta. A economia americana opera hoje em duas velocidades. Novamente os números não deixam dúvidas: o bloco de tecnologia, responsável por aproximadamente **9% do PIB**, cresce a 15 a 20% ao ano e contribuiu com **1,5 ponto percentual** ao PIB de 2026 (três vezes mais que sua contribuição em 2024). O restante da economia, 91% do PIB, contribuiu apenas **1,1 ponto percentual** e desacelerou de 3,5% para algo próximo de 1% ao ano. Não é coincidência que o ciclo de revisão de lucros funcione na mesma direção: as ações ligadas a inteligência artificial acumulam mais de **55% de revisão positiva** desde o início de 2025; o S&P ex-IA, praticamente zero.

Onde isso encontra fundamento real é no capex. O investimento agregado dos hyperscalers, que era de US\$ 130 bilhões há poucos anos, caminha para a casa do trilhão de dólares em 2026, com guidance reaberto três vezes em seis meses. Esse capex sustenta o ciclo de inteligência artificial e, ao mesmo tempo, comprime o caixa livre de empresas que historicamente eram associadas a forte geração de caixa: Amazon caminha para fluxo de caixa livre negativo em 2026; Meta deve ver queda próxima a 90%; Microsoft, queda próxima a 30%. **A tese estrutural está intacta. O preço para mantê-la, não.**

A IA não tem ciclo. Tem preço.

Circula no mercado a frase de que “inteligência artificial não tem ciclo”. Existe verdade nela: o capex não depende de Selic, eleição americana ou preço do petróleo. Depende da convicção de que a próxima rodada de produtividade computacional vale o capital empilhado. O risco não é a tese. É a velocidade com que o consenso a abraçou e a concentração do ganho em um número reduzido de empresas.

Três sinais merecem atenção. Primeiro, o capex consolidado para 2026 subiu cerca de 20% em apenas seis meses, com Alphabet revisando guidance três vezes para cima e Microsoft superando consenso em quase US\$ 40 bilhões; ao mesmo tempo, o caixa dos gestores na pesquisa do BofA está em mínimas históricas, e fundos alavancados carregam exposure ao setor nas máximas de vários anos. Segundo, a concentração das maiores beneficiárias do ciclo dentro do S&P está em patamares que, em ciclos anteriores, foram classificados em retrospecto como bolha. Terceiro, a dispersão entre as próprias empresas de tecnologia aumentou. Alphabet e Amazon entregaram resultados tangíveis em cloud, com receita acelerando. Meta decepcionou ao apresentar capex sem monetização proporcional. Modelos de fronteira furaram metas internas de crescimento. **O capex sobe linearmente. A paciência do mercado, não.**

Nada disso é argumento para sair do setor. É argumento para escolher dentro dele com mais critério. Preferimos exposição a empresas com monetização comprovada e geração de caixa robusta, e evitamos negócios que dependem da continuidade indefinida do cenário atual. É a mesma lógica que nos manteve fora do entusiasmo binário do início do ano e que continua nos guiando agora.

Choque cíclico, peso estrutural

O choque no Oriente Médio segue como pano de fundo, mas mudou de natureza. Em maio, a indicação de avanço diplomático entre Estados Unidos e Irã derrubou o petróleo **7% em um em um único dia**, com cessar-fogo sendo gradualmente precificado. A trajetória de curto prazo é benigna. A trajetória estrutural, nem tanto: **a saída dos Emirados Árabes da OPEP** ao fim de abril cria um risco de coordenação adicional, e os juros longos americanos seguem operando próximos a **5% na curva de 30 anos**, em níveis comparáveis às máximas históricas de papéis equivalentes globais. Não é teto absoluto, mas é piso psicológico. Em seis anos, os gastos com defesa globais saíram de 2% para 2,7% do PIB. O orçamento de defesa proposto pelos Estados Unidos para 2027 é de **US\$ 1,5 trilhão**, o maior da história ajustado pela inflação, o que, se aprovado, adicionaria aproximadamente US\$ 1 trilhão a pagamentos de juros sobre a dívida pública em dez anos.

O ponto operacional é mais importante que o ideológico. Em um mundo em que a dívida pública cresce em quase todas as economias desenvolvidas simultaneamente, e em que os mecanismos clássicos de proteção (“safe heavens”) falharam (o ouro caiu **11%** no auge da guerra; a Treasury longa abriu cem pontos-base em vez de fechar), a definição de portfólio defensivo precisa ser revisitada. **Ativos populares como hedge tendem a falhar como hedge no momento em que mais precisamos deles.** Não basta diversificar entre classes. É preciso entender quais ativos têm propriedade defensiva real e quais foram percebidos como defensivos apenas porque o ciclo anterior assim os definiu.

O Brasil entre dois ruídos

O Brasil viveu em abril um movimento que merece interpretação cuidadosa. A bolsa subiu **22% em janeiro e fevereiro**, recuou 1% em março e subiu apenas **4% em abril e início de maio**, contra Coreia em 43%, Taiwan em 32% e o agregado de emergentes em 17%. A leitura fácil é que o Brasil “saiu da posição de queridinho”. A leitura mais útil é que estamos diante de um mercado raso, com saída estrutural do investidor local nos últimos anos e baixo nível de arbitragem, onde pequenos deslocamentos marginais nos portfólios globais produzem movimentos desproporcionalmente amplos nos preços. A primeira metade de abril capturou inflow estrangeiro relevante na esteira da desescalada do conflito. A segunda metade viu profit taking e saída líquida de aproximadamente **R\$ 9 bilhões**, à medida que a rotação global se reorganizou em direção à inteligência artificial americana.

A tese estrutural não mudou. O Brasil continua sendo o “cleanest EM trade” não por mérito fiscal, mas por geografia e geologia. Petróleo, alimentos, minerais críticos e logística atlântica criam vantagens que existem independentemente de quem governa. O que mudou foram o ângulo e a paciência. O capital global que rotacionou para fora de tecnologia em janeiro voltou em abril, e qualquer mercado que dependa desse capital marginal sente o impacto. **Não é defeito de tese. É característica de mercado pequeno em ambiente sem fluxo doméstico.**

A política monetária se acomodou em uma trajetória mais curta do que o mercado precificou no auge da fase otimista. O Copom cortou a Selic em 25 pontos-base para **14,50%** com tom cauteloso, e a curva DI hoje precifica afrouxamento adicional limitado, com a Selic permanecendo em torno de 12 a 13% por mais tempo. Os juros reais longos seguem próximos a 8%, o que historicamente funciona como termômetro de febre grave. A inflação, que parou de aparecer nas manchetes, está se acomodando nos núcleos: serviços ligados ao mercado de trabalho aceleram, a surpresa baixista do headline concentrou-se em passagens aéreas, e o IPCA cheio de abril não trouxe alívio nos cores. A trajetória de corte de juros do Banco Central começa a ficar cada vez mais prejudicada quando o número de vezes que discordam do plano da nossa autoridade monetária aumenta semanalmente. Com a inflação desancorada, o ciclo de corte de juros fica definitivamente prejudicado, seja na sua extensão, seja na credibilidade do Banco Central.

Os spreads de debêntures incentivadas se ampliaram refletindo aceleração de resgates dos fundos isentos de infraestrutura. **O fundamento não mudou. O preço sim.**

A eleição segue sendo processo, não desfecho

A eleição de 2026 não é apenas variável política. É a principal variável de custo de capital doméstico nos próximos dezoito meses. As pesquisas seguem em retrato de polarização apertada, com diferentes metodologias entregando diferentes diagnósticos: pesquisas estimuladas mostram empate técnico no segundo turno; análises por bloco político mostram a direita favorita por margem mais ampla, com erosão da gordura eleitoral do petismo no Nordeste em comparação com 2022. As duas leituras dizem coisas verdadeiras.

O ponto importante é outro. Em abril, o Senado rejeitou a indicação do governo ao Supremo, episódio que representa uma das derrotas institucionais mais expressivas de um governo incumbente na história recente. **Mais relevante para o nosso ofício do que o resultado eleitoral em si é a trajetória fiscal que o vencedor precisará entregar nos primeiros noventa dias.** O mercado já demonstrou paciência limitada com narrativas. Quem chegar terá uma janela curta para sinalizar disciplina concreta ou para confirmar deterioração. Os dois cenários têm precedente. A história mostra que a antecipação é assimétrica: o preço se move antes do desfecho, dos dois lados, e raramente de forma simétrica.

O caso de investimento Brasil segue intacto. Valuations descontados em termos históricos. O real entre os melhores carries do mundo, sustentado por juros elevados e melhora nos termos de troca em magnitude comparável a economias menores e menos líquidas. E a possibilidade, ainda em aberto, de que o ciclo de cortes da Selic se acelere caso o vencedor sinalize ajuste fiscal verossímil nos primeiros meses do mandato.

Onde o portfólio se posiciona

O fundo encerrou o mês com retorno de **+1,6%**, desempenho expressivamente superior ao Ibovespa (-0,1%) e ao SMLL (-3,5%). Em um mês em que a rotação global penalizou o universo de menor capitalização brasileiro, a combinação de exposição seletiva a tecnologia americana, rotação ativa em algumas posições estruturais e disciplina para carregar drawdown em teses de alta convicção foi o que produziu a diferença.

No segmento de tecnologia americana, **Micron** foi o destaque do mês, refletindo o que entendemos como o melhor trimestre da história da companhia: margem bruta saltando para **75%** (contra 37% no ano anterior), geração de caixa livre de US\$ 6,9 bilhões e início dos embarques do HBM4 para a plataforma Vera Rubin da NVIDIA, somado ao primeiro contrato estratégico plurianual com cliente não divulgado. A tese central segue intacta: única fabricante americana de memória avançada operando em mercado com restrição estrutural de oferta, em que fábricas de wafer levam anos para serem construídas e a alocação para HBM consome bits que sairiam do mercado de DRAM convencional. A posição ilustra o princípio de seletividade que defendemos: dentro da bifurcação que abriu em abril, ficamos com quem mostra monetização e geração de caixa, evitando negócios que ainda dependem da continuidade indefinida do cenário.

No Brasil, **ampliamos materialmente posições em BTG Pactual e em Equatorial**, redirecionando capital de teses cuja assimetria contraiu. Ambas operam fora do binômio simples “queda de juros = sobe”. A primeira combina alavancagem operacional com um flywheel Wealth-Asset-Investment Banking que segue se retroalimentando, e entregou no trimestre lucro líquido de **R\$ 4,8 bilhões** (alta de 42% ano contra ano) com ROE de 26,6%. A segunda, cuja tese nunca foi jogo de juros e sim de qualidade operacional, segue com captura consistente de eficiência, controle de custos e desalavancagem, com posicionamento competitivo para capturar oportunidades transformacionais. **Preferimos negócios cuja entrega não dependa do próximo movimento de juros nem do desfecho eleitoral.**

Encerramos no mês nossa posição em **PRIO**. A tese estrutural não se quebrou. O campo Wahoo antecipou cronograma, o custo de extração caiu para **US\$ 9,4 por barril**, e o trimestre foi um dos mais fortes da história da companhia. O que mudou foi a assimetria. A valorização da ação combinada com a redução do prêmio geopolítico no petróleo aproximou o preço do nosso valor intrínseco. Realizamos o ganho e redirecionamos o capital para teses cuja assimetria segue mais favorável. **Saímos não porque a tese estrutural se quebrou, mas porque o preço pagou por ela.**

Na direção oposta, carregamos arrasto pesado em construtoras voltadas ao Minha Casa Minha Vida. O drawdown do mês contraria o fundamento do trimestre: pré-vendas recordes, ROE em níveis historicamente altos, backlog margin em patamares inéditos. O programa habitacional foi aprimorado em abril com ampliação de faixas de renda e tetos de imóveis, beneficiando diretamente o segmento em que nossas posições se concentram. A expansão do múltiplo não foi componente estrutural do retorno dessas empresas, o que reforça a leitura de que o que está caro é a percepção, não o lucro. **Quando o mercado capturar o que esses fundamentos significam para preço-alvo, o atraso da cotação se inverte.**

A posição em empresas americanas que não têm equivalente direto no Brasil continua sendo parte consciente do nosso **hedge estrutural**. Em períodos de estresse político-doméstico, essas posições reduzem a sensibilidade do fundo ao fluxo estrangeiro, permitem operar com perspectiva multianual e preservam convicções de valor sem embarcar em timing de mercado. Em um eventual acidente fiscal, nenhuma delas vive de Reais, não depende fundamentalmente do nosso PIB e não é majoritariamente tributada pelo governo brasileiro. **A natureza desse hedge é estrutural, não tática.**

O que muda. O que permanece.

Abril confirmou o que vínhamos pavimentando nas últimas cartas. O ciclo global está em transição: os Estados Unidos saíram do “basement trade” e voltaram a ser o destino do capital marginal, sustentados por inteligência artificial e por uma economia que segue mais forte do que a narrativa de janeiro sugeria. O Brasil deixou de ser o queridinho de curto prazo, mas mantém intactas as razões estruturais que o tornaram interessante: geografia, geologia, valuations descontados e a possibilidade não-precificada de uma trajetória fiscal verossímil saindo das urnas.

Nosso papel não é prever com precisão qual cenário se materializa. É carregar negócios que entregam em ambos os cenários e ajustar continuamente o portfólio à medida que a assimetria se desloca. **Quando o consenso enxergar a dispersão que abriu em abril, parte do retorno já terá ocorrido.** Ficar dentro com seletividade, em vez de fora com convicção, segue sendo nossa escolha.

Se as manchetes movimentam os preços, os Balanços que sustentam o valor. Somos por natureza fundamentalistas e essa identidade não se reavalia a cada manchete.

São Paulo, 18 de Maio de 2026

joule
asset mana



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

Relatório mensal

Fechamento Abr/2026

Cota atualizada em: 30/04/2026
Divulgado em: 04/05/2026

Joule Apadma FIM

Objetivo e Política de Investimento

Joule Apadma FIM é um fundo multimercado com estratégia de *trend following*, busca capturar ganhos através da análise de *momentum* de curto prazo (tendência de continuidade de movimentos). Investe em ativos financeiros de diversas classes como renda variável (ações e *ETFs*), juros e moedas no Brasil e em mercados globais (*offshore*).

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes acima do CDI (*benchmark*) em qualquer prazo, descorrelacionados com índices de mercados, sem exposição direcional e mantendo a volatilidade esperada entre 1% e 4% ao ano. A política de investimento do Joule Apadma FIM é não-direcional, gerido a partir da disciplina e comprovada experiência do gestor.

O Fundo Joule Apadma FIM representa uma boa alternativa de investimento de curto, médio ou longo prazos.

Público-alvo

Investidores de forma geral que buscam retornos consistentes acima do CDI, descorrelacionados de índices de mercados, e com baixo risco/volatilidade.

Características do Fundo

- Data de Início: 27/12/2018
- Taxa de Administração: 2% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% da rentabilidade acima do CDI (com linha d'água)
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 500,00
- Prazo de Resgate: Financeiro D+3 (cotização D+2)
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: Alíquota de 22,5% a 15% sobre o ganho líquido de acordo com o prazo, retido na fonte no ato do resgate, já deduzidas as taxas de administração e performance
- Classe / Tipo ANBIMA: Multimercados / Multimercados Livre

Administrador:
SINGULARE CORRETORA DE
TÍTULOS E VALORES
MOBILIÁRIOS S.A.

Gestão:
Joule Asset Management

Dados para investimento:
Favorecido: JOULE APADMA FIM
CNPJ: 30.282.464/0001-07
BANCO SINGULARE (363)
Agência: 0001
Conta Corrente: 0042805-4

Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Apadma FIM

Joule Apadma FIM										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	Desde o Início
Joule Apadma FIM	30/04/2026	1.108,84569613	10.098.486,11	1,2	4,6	3,9	6,4	14,1	-4,5	10,9
CDI	30/04/2026	2.038,83	n.a.	1,1	4,5	3,3	7,0	14,8	28,0	91,5

% do CDI

10,36 10,175 16,25 9,144 9,530 -16,00 11,89

Cota mais recente:

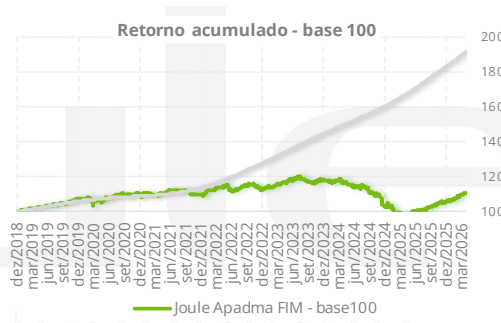
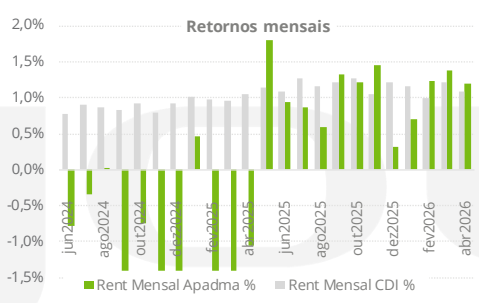
30/04/2026

Histórico de Rentabilidade:

	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2018	Joule Apadma FIM												0,21 *	0,21
	CDI												0,05 *	0,05
2019	Joule Apadma FIM	0,88	0,78	0,29	0,44	0,38	0,28	0,55	0,71	0,13	0,98	0,81	1,03	7,49
	CDI	0,54	0,49	0,47	0,52	0,54	0,47	0,57	0,50	0,46	0,48	0,38	0,37	5,96
2020	Joule Apadma FIM	-0,26	-0,43	-1,03	0,47	0,71	0,50	1,53	0,46	-0,27	-0,32	0,88	0,03	2,28
	CDI	0,38	0,29	0,34	0,28	0,24	0,21	0,19	0,16	0,16	0,16	0,15	0,16	2,76
2021	Joule Apadma FIM	0,12	-0,23	-0,73	0,87	1,19	0,79	-0,12	-0,17	-0,59	-1,70	0,33	0,11	-0,17
	CDI	0,15	0,13	0,20	0,21	0,27	0,31	0,36	0,43	0,44	0,49	0,59	0,77	4,42
2022	Joule Apadma FIM	1,76	0,38	1,39	0,26	0,76	-2,24	-0,18	2,18	0,19	0,68	-1,31	-0,81	3,00
	CDI	0,73	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	1,17	1,07	1,02	1,02	1,12	12,39
2023	Joule Apadma FIM	1,33	-0,59	1,45	0,93	1,11	0,33	1,34	-1,24	-1,07	-1,01	1,84	0,02	4,44
	CDI	1,12	0,92	1,17	0,92	1,12	1,07	1,07	1,14	0,97	1,00	0,92	0,89	13,04
2024	Joule Apadma FIM	-0,46	-0,22	0,65	-1,85	-0,62	-0,79	-0,34	0,03	-2,82	-0,74	-1,46	-5,13	-13,02
	CDI	0,97	0,80	0,83	0,89	0,83	0,79	0,91	0,87	0,84	0,93	0,79	0,93	10,88
2025	Joule Apadma FIM	0,47	-3,61	-1,47	-1,05	2,02	0,95	0,87	0,59	1,33	1,22	1,45	0,33	3,00
	CDI	1,01	0,99	0,96	1,06	1,14	1,10	1,28	1,16	1,22	1,28	1,05	1,22	14,32
2026	Joule Apadma FIM	0,71	1,24	1,39	1,20									4,62
	CDI	1,16	1,00	1,21	1,09									4,54

* início do fundo em 27/12/2018

Cota mais recente: 1.108,8



Risco

O Joule Apadma FIM busca manter baixa volatilidade, *target* do fundo é de 3% a.a. não ultrapassando 5% a.a.

Risco	Apadma	CDI
Volatilidade anual - desde o início	3,52%	0,26%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	2,33%	0,01%
Sharpe - desde o início	-2,23	n.a.
Sharpe - últimos 3 meses	1,03	n.a.
Maior retorno mensal	2,18%	1,28%
Menor retorno mensal	-5,13%	0,05%
Meses positivos	57	89
Meses negativos	32	0
Meses acima do CDI %	33,7%	n.a.
Meses abaixo do CDI %	66,3%	



Patrimônio Líquido

	Apadma
Patrimônio líquido	10.098.486,11
Patrimônio líquido médio 12 meses	9.826.564,80
Atualizado em:	30/04/2026

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br